



PEDRO BANDEIRA

Um gol de placa

- Pré-leitor e leitor iniciante —
1º ao 3º ano do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Luísa Nóbrega

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental têm como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenualmente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que apreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que deveriam ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “*não quer voltar*”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ✓ Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ✓ Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ✓ Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ✓ Leitura global do texto.
- ✓ Caracterização da estrutura do texto.
- ✓ Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- ✓ Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ✓ Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ✓ Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ✓ Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- ✓ Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

LEIA MAIS...

- ✓ do mesmo autor
- ✓ sobre o mesmo assunto
- ✓ sobre o mesmo gênero

PEDRO BANDEIRA

Um gol de placa



● Pré-leitor e leitor iniciante —
1º ao 3º ano do Ensino Fundamental

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Nascido em Santos, São Paulo, em 1942, Pedro Bandeira mudou-se para a cidade de São Paulo em 1961. Trabalhou em teatro profissional como ator, diretor e cenógrafo. Foi redator, editor e ator de comerciais de televisão. A partir de 1983 tornou-se exclusivamente escritor. Sua obra, direcionada a crianças, jovens e jovens adultos, reúne contos, poemas e narrativas de diversos gêneros. Entre elas, estão: *Malasaventuras — safadezas do Malasartes*, *O fantástico mistério de Feiurinha*, *O mistério da fábrica de livros*, *Pântano de sangue*, *A droga do amor*, *Agora estou sozinha...*, *A droga da obediência*, *Droga de americana!* e *A marca de uma lágrima*. Recebeu vários prêmios, como Jabuti, APCA, Adolfo Aizen e Altamente Recomendável, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

A partir de 2009, toda a sua produção literária integra com exclusividade a Biblioteca Pedro Bandeira da Editora Moderna.

RESENHA

Um campo de futebol improvisado fazia a alegria dos meninos do bairro: o Time da Rua quase nunca perdia uma partida. Acontece que um grupo de homens com fitas métricas e um trator ameaçaram acabar com a brincadeira, pois iriam construir um prédio de apartamentos. Os operários já começavam a colocar as primeiras estacas e a cavar valetas quando os garotos, desolados, lembraram-se de um terreno baldio perto do morro. Era um lugar repleto de mato, mas os meninos, animados, com pás, enxadas e muito suor, tiraram o mato, aplainaram o solo e colocaram caibros para servir de trave. Depois de tanto trabalho, doloridos e exaustos, como eles iriam fazer para jogar contra a Turma da Linha do Trem? Mal imaginavam que o lance bonito que os salvaria, verdadeiro gol de placa, viria justamente do time adversário...

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Segundo Pedro Bandeira, essa não é exatamente uma história sobre futebol, mas sobre trabalho. Sobre como um grupo, estando disposto a fazer algum esforço, pode, por meio do próprio trabalho, resolver dificuldades aparentemente intransponíveis. O final da história vislumbra a possibilidade de uma atitude cooperativa e solidária entre adversários, a despeito da competição acirrada que costuma caracterizar o universo do futebol.

Área envolvida: Língua Portuguesa.

Temas transversais: trabalho e consumo, ética.

Público-alvo: 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura:

1. O título do livro e a imagem da capa imediatamente farão com que as crianças se remetam ao universo do futebol. Estimule-os, porém, a atentar para os detalhes: que campo é esse em que o jogo acontece? O chão de terra e o gol sem rede logo nos permitem descartar a ideia de que o livro aborda o universo do futebol profissional. Que idade teria o goleiro que aparece na imagem? Deixe que criem hipóteses a respeito do conteúdo da narrativa.

2. Leia com eles, em seguida, o texto da quarta capa, que fornece informações mais precisas a respeito do enredo. O que fariam se estivessem no lugar da turma a que o texto se refere?

3. Pergunte às crianças quais delas têm o hábito de jogar futebol. Com quem costumam jogar? Onde? Alguma costuma jogar, como os garotos da história, em um campo improvisado num terreno baldio? Já surgiram obstáculos de alguma espécie à prática do esporte?

4. Convide seus alunos a realizarem uma pequena pesquisa a respeito da história do futebol. Onde ele se estabeleceu tal como o conhecemos hoje? Quais suas origens mais remotas? Como ele se tornou tão popular no Brasil?

Durante a leitura:

1. Estimule os alunos a verificar se as hipóteses que haviam criado a respeito do desenrolar da narrativa se confirmam ou não.

2. Chame a atenção para o fato de que essa narrativa não possui um único personagem de destaque: é protagonizada pelo grupo de garotos como um todo.

3. Estimule-os a atentar para as ilustrações de Adilson Farias, procurando reconhecer quem são os personagens que aparecem em cada uma das imagens.

Depois da leitura:

1. Os terrenos baldios, embora em alguns lugares continuem a ser espaços de liberdade, no qual as crianças podem se reunir para seus jogos, no mundo contemporâneo, especialmente nas grandes cidades, têm sido vistos de modo negativo, como depósitos de lixo e lugares propícios à delinquência. Pensando em tudo isso, em 2006 a artista espanhola Lara Almarcegui se baseou em guias de arquitetura para criar para a 27ª Bienal de São Paulo o *Guia dos terrenos baldios de São Paulo*, com fotos dos terrenos, textos descritivos e histórias relativas à sua origem. Segundo ela, os terrenos baldios são espaços indefinidos e, portanto, espaços de liberdade (leia mais a respeito do projeto nos *links* <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=353954> e <http://www.canalcontemporaneo.art.br/arteemcirculacao/archives/001080.html>). Proponha que seus alunos, em grupos, façam um mapeamento dos terrenos baldios da região em que vivem, se possível incluindo fotos dos locais, mapas da região e pequenos textos a respeito. Há moradores que fazem uso desses terrenos?

2. Leia com seus alunos o texto de Pedro Bandeira na página 24, em que o autor, após falar um pouco de sua trajetória, comenta

que, para ele, essa não é uma narrativa sobre o futebol, mas sobre o trabalho. Discuta um pouco com seus alunos as questões colocadas por Bandeira.

3. Provavelmente, o futebol jogado pelos garotos da Turma da Rua não é exatamente o mesmo que jogado pelos atletas durante a Copa do Mundo. Embora o futebol seja um esporte com regras oficialmente definidas e estabelecidas, o futebol informal possui infinitas variedades: jogos com seis, cinco, ou até três jogadores em cada time, além do popular “gol a gol”. O fato de serem variações não lhes impede, porém, de ter certas regras próprias. Sugira que seus alunos, em pequenos grupos (que devem incluir, é claro, ao menos um apreciador e conhecedor do jogo), façam um levantamento desses formatos informais e escrevam suas regras mais frequentes.

4. Nas grandes cidades, é cada vez menos comum que as crianças brinquem na rua, com os seus vizinhos da mesma idade: a experiência da infância veio se alterando substancialmente nas últimas gerações. Peça que cada aluno escolha algum idoso com o qual convive e faça uma entrevista a respeito de seus hábitos de infância. Quais eram suas brincadeiras e jogos preferidos? De que maneira utilizava os espaços do seu bairro? Em primeiro lugar, diga a eles que preparem uma lista de perguntas; em seguida, sugira que testem o gravador que utilizarão e verifiquem se a gravação é inteligível. Depois de realizadas as entrevistas, solicite a eles que transcrevam as conversas, procurando preservar ao máximo o modo de falar da pessoa – podem ser incluídas rubricas indicando o seu comportamento, tais como: *ri, tosse, bebe um copo de água* etc.

5. Ao final da história, os jogadores da Turma da Linha do Trem, em solidariedade ao trabalho duro dos meninos da Turma da Rua, abrem mão de uma oportunidade única de vencer de goleada. Algumas vezes, porém, as competições entre turmas de bairros diferentes tornam-se acirradas. Assista com seus alunos ao belo filme francês *A guerra dos botões*, de Yves Robert, inspirado no livro homônimo de Louis Pergaud. Nesse filme, que se passa no período de volta às aulas, os estudantes de Longeverne, liderados por Lebrac, declaram guerra aos alunos de Velrans. Numa dessas batalhas, Lebrac tem uma ideia brilhante: arrancar todos os botões e confiscar os cintos dos presos, para que sejam castigados pelos próprios pais. Distribuição: Silver Screen.

6. Proponha que seus alunos escrevam a história do aguardado jogo entre a Turma da Rua e a Turma da Linha do Trem, desta vez sob o ponto de vista dos jogadores desse último time. Será que o clima amigável da narrativa original continuará prevalecendo ou a disputa será reavivada? Cabe a seus alunos a escolha.

LEIA MAIS...

1. DO MESMO AUTOR

- *Anjo da morte*. São Paulo: Moderna.
- *A Droga da Obediência*. São Paulo: Moderna.
- *Droga de Americana!* São Paulo: Moderna.
- *A droga do amor*. São Paulo: Moderna.

2. SOBRE O MESMO ASSUNTO

- *A bola e o goleiro*, de Jorge Amado. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- *Uma história de futebol*, de José Roberto Torero. Rio de Janeiro: Objetiva.
- *O chute que a bola levou*, de Ricardo Azevedo. São Paulo: Moderna.
- *Copa do Mundo – figurinhas e figurões*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta. São Paulo: Nova Alexandria.